

Aurora de uma ditadura: análise e tradução do *Discurso sobre Matteotti*, de Mussolini

Sergio Schargel*

Resumo:

Por meio de análise de conteúdo e uma discussão teórica, se apoiando no software WordClouds, este trabalho objetiva apresentar uma análise em profundidade do Discurso sobre Matteotti, proferido por Mussolini nas vésperas do golpe, bem como sua tradução inédita para o português. Colocando o discurso em diálogo com autores como Pachukanis, será possível compreender as particularidades e elementos-chave de uma efeméride essencial para o Fascismo, contribuindo para os estudos do tema. Ao fim, percebem-se os principais traços desse momento do movimento – o qual se destaca o autoritarismo – que não necessariamente se mantém estagnados em momentos seguintes; reforçando a tese de que não houve apenas um Fascismo, mas Fascismos.

Palavras-chave: Fascismo; Benito Mussolini; Secessão Aventina; Discurso sobre Matteotti

The dawn of a dictatorship: analysis and translation of Mussolini's *Discourse on Matteotti*

Abstract:

Through content analysis and a theoretical discussion, supported by the WordClouds software, this work aims to present an in-depth analysis of the Discourse on the Matteotti Affair, given by Mussolini on the eve of the coup, as well as its unpublished translation into Portuguese. Placing the discourse in dialogue with authors such as Pachukanis it will be possible to understand the particularities and key elements of an essential ephemeris of fascism, contributing to the studies of the theme. In the end, the main traits of this moment of the movement can be perceived – in which authoritarianism stands out – which does not necessarily remain stagnant in subsequent moments; reinforcing the thesis that there was not only one Fascism, but Fascisms.

Keywords: Fascism; Benito Mussolini; Aventine Secession; Discourse on the Matteotti Affair

* Doutorando em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro-RJ, Brasil. Sua pesquisa e produção artística são focadas na relação entre literatura e política, tangenciando temas como teoria política, literatura política, fascismo, extrema-direita, judaísmo, antissemitismo e a obra de Sylvia Serafim Thibau. End. eletrônico: sergioschargel@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5392-693X>

Introdução: o golpe antes do golpe?

O Fascismo de Mussolini foi a “novidade política mais importante do século XX” (Paxton, 2007, p. 46). Um modo novo de se fazer política, sem equivalentes anteriores, que mesclava um reacionarismo populista com um autoritarismo nacionalista. Todavia, não foi um movimento estanque, congelado, com características estagnadas. Na verdade, o movimento perpassou diversos ciclos e estágios ao longo de seus mais de 20 anos de existência. Tendo aparecido como uma espécie de fusão do nacionalismo intervencionista de Gabriele d'Annunzio e as antigas preocupações sociais do período de Mussolini no Partido Socialista Italiano (PSI), o Fascismo¹ surge com propostas que mesclavam, simultaneamente, a centralidade do espírito nacional italiano (*Italianità*) com argumentos sociais como direitos trabalhistas e previdenciários. No programa de 1919 do Fasci di Combattimento, por exemplo, constam elementos como redução da jornada de trabalho e da idade à aposentadoria. Dois anos depois, após o Biênio Vermelho, Mussolini e outros 34 deputados do recém-fundado Partido Nacional Fascista (PNF) se elegem à Câmara por meio de uma coligação liberal-conservadora de Giovanni Giolitti, uma tentativa de enfraquecer o poder crescente da esquerda (Pachukanis, 2020). Mesmo com o crescimento meteórico do partido, Mussolini ainda não possui poder suficiente para instaurar um regime autoritário quando é nomeado chefe de governo pelo chefe de Estado, o rei Vitor Emanuel, após a Marcha Sobre Roma. Neste contexto, é forçado a manter a sua coligação com os liberais-conservadores giolittianos, e a instaurar uma política econômica de matriz liberal. Há ainda outros períodos, como a ditadura de fato instituída após o assassinato de Giacomo Matteotti, o corporativismo adotado como política econômica no que se segue à *Carta del Lavoro*, as campanhas coloniais da década de 1930 e, por fim, o amálgama com o Nazismo durante a Guerra, em particular após a invasão e consequente Guerra Civil de 1943. Mas, para este trabalho, interessa o Fascismo entre 1924 e 1926, no processo que culminou em sua transformação em ditadura.

O crescimento implacável do movimento resultou que, já em 1922, os Squadristi eram o maior exército privado do mundo (Doria, 2020, p. 53). Neste ponto, a historiografia discorda sobre um elemento essencial da Marcha Sobre Roma: sua caracterização, ou não, como golpe de Estado. Autores como Gianni Fresu (2017) pensam na manifestação como um primeiro golpe, seguido pelo segundo e instauração de fato da ditadura entre 1924 e 1926. A despeito das pretensões golpistas da Marcha, este trabalho privilegia a interpretação de Robert Paxton (2007) de que a ascensão de Mussolini ao poder seguiu a lógica institucional do parlamentarismo italiano. Em suma, apesar do tom de ameaça explícita às

¹ Por meio do entendimento de que Fascismo é o nome do movimento, será empregado maiúscula quando se referir ao movimento de Mussolini, minúscula quando for relativo ao conceito.

instituições, Mussolini ainda chegou ao poder nomeado pelo chefe de Estado e, inclusive, teve de seguir o jogo parlamentar nos dois primeiros anos. Mais do que isso, Mussolini não rompeu definitivamente com o *establishment* italiano mesmo nos momentos mais elevados de seu autoritarismo (ao contrário do que seria feito por Adolf Hitler posteriormente), mas passou a governar com ele em uma diarquia desconfortável com o rei e os conservadores-liberais, que termina por eclodir na Guerra Civil Italiana (1943-1945) (Paxton, 1998).

A despeito de ter sido ou não um golpe, o fato é que a Marcha Sobre Roma foi efeméride marcante do Fascismo e se tornou símbolo da ascensão de Mussolini ao Executivo Federal. O tom de ameaça, prenunciada no *Discurso de Nápoles*, proferido dois dias antes, se concretiza conforme o *Duce* coloca cerca de 30 mil Camisas Negras nas ruas de Roma. Temendo uma escalada, e mesmo a adesão das Forças Armadas² – o que, como lembra Pedro Doria (2020, p. 54), poderia implicar na implosão da própria monarquia ou uma guerra civil –, Vitor Emanuel nomeia Mussolini para primeiro-ministro. A partir daí, Mussolini intensifica o processo de fragilização das instituições, até dar início, de fato, ao processo de golpe em 1924.

Amanhecer da ditadura

As eleições de 1924, ao contrário de 1921, foram marcadas por uma vitória esmagadora do Fascismo. Uma vitória que suscitou questionamentos, dado que o sistema eleitoral foi alterado pouco antes de forma a beneficiar o Partido Nacional Fascista. Começaram a surgir denúncias de irregularidades e fraudes eleitorais, arranhando a imagem do partido. A representação proporcional foi substituída por uma lei eleitoral conhecida como Lei Acerbo, voltada para dar maioria parlamentar a Mussolini que, mesmo no poder, só tinha 35 deputados e dependia da coligação. Fragilizado, poderia facilmente ser destituído pelo Rei. A Lei Acerbo garantia que o partido com a maior parte dos votos, desde que tivesse pelo menos 25%, receberia dois terços do Parlamento. O restante era dividido proporcionalmente entre os demais partidos. Dessa forma, de 5% do Parlamento, o PNF passou a ter 65% em 1924, com 374 deputados.

A mudança no sistema e as fraudes eleitorais não ficaram sem denúncias. Giacomo Matteotti, deputado socialista, foi a principal voz. Encontrado morto pouco tempo depois, seu assassinato deu início a uma crise que colocou em xeque a credibilidade do partido conforme a opinião pública começou a virar-se contra.

² Ainda que a partir de 1922 Mussolini passe a flertar com o clero e a monarquia, em vista da necessidade de ligar-se a eles para ascender, até o ano anterior seus trabalhos, como o programa do Partido Nacional Fascista (PNF) ainda traziam teor anticlerical. Três anos antes da Marcha Sobre Roma, no programa do Fasci di Combattimento, Mussolini pregava até mesmo o confisco de bens da Igreja. O anticlericalismo aparece inclusive em um de seus livros, uma ficção de 1909 denominada *A amante do cardeal* (2018).

Deputados de diversos partidos e correntes ideológicas, com exceção dos comunistas liderados por Antonio Gramsci, retiraram-se do Parlamento em protesto, dando início a um movimento conhecido como Secessão Aventina, batizada em referência ao movimento de mesmo nome que ocorreu na Roma antiga, em que, descontente com a marginalidade econômica e política, a plebe tentou fundar uma nova cidade. Os partidos esperavam limitar e deslegitimar a transformação da democracia em autocracia. Acreditavam que, ao se retirarem, a opinião pública se radicalizaria e o chefe de Estado, o Rei Vitor Emanuel III, seria pressionado a destituir Mussolini (Pachukanis, 2020, p. 46). As ações não vieram. Vitor Emanuel se omitiu, a opinião pública arrefeceu, o Fascismo voltou a crescer e Mussolini aproveitou a oportunidade para dar o seu autogolpe, na prática iniciando a tradição fascista de chegar ao poder por vias legais e só depois realizar um autogolpe (Paxton, 1998). Com a ausência da oposição, o PNF blindou seu líder do voto de desconfiança. A partir de 1928, o PNF passou a ser o único partido italiano autorizado a participar do processo eleitoral. A maior parte dos deputados que participaram da Secessão acabaram presos ou exilados. Uma guinada autoritária que veria ainda mais dois ciclos: o imperial, entre 1932 e 1943, e, por fim, o de dominação Nazista, de 1943 a 1945.

A promulgação das *Leis Fascistíssimas*, uma série de normas legais entre 1925 e 1926 que, na prática, deram início à institucionalização do golpe e do processo de fascistização do Estado, também geraram uma série de perseguições internas e externas (Pachukanis, 2020, p. 47). Com o fracasso da oposição na estratégia de esvaziar o Parlamento e o consequente crescimento e centralização do Fascismo, em 1926 Mussolini acabou por sofrer o quarto e mais próximo atentado à sua vida. Uma irlandesa de meia-idade atirou em Mussolini a queima-roupa no nariz logo após um discurso (McNamee, 2021). Todo esse cenário serviu de justificativa para Mussolini intensificar o seu autoritarismo³:

Casos de pogroms e espancamentos que tiveram lugar no período da última onda de terror fascista, em novembro de 1926, depois do quarto atentado contra Mussolini [...] o próprio Mussolini começou a falar que o perigo ameaçava o fascismo. Antes disso, porém, destacou que a causa do fascismo é inquebrantável [...] Temos declarações de líderes responsáveis, como Turatti, o atual secretário-geral do partido fascista, de que “o linchamento é algo tão legal quanto a justiça comum”. Temos declarações na imprensa fascista, tais como “o

³ Semelhante fez Hitler e o Nazismo, quando do incêndio do Reichstag por um neerlandês. Da mesma forma, Bolsonaro capitalizou o esfaqueamento que sofreu, utilizando-o para crescer nas pesquisas. Independente da abertura que tais atentados fornecem para teorias conspiratórias das mais variadas, o fato é que políticos de viés autoritário tendem a utilizar politicamente esses atos de violência contra eles, útil por permitir colocar-se como um mártir.

linchamento representa o imperativo da salvação nacional” (Pachukanis, 2020, p. 48, 54).

Tem início, por fim, o terceiro ciclo do Fascismo, o ciclo autoritário. Os chocalhos progressistas e liberais foram completamente abandonados e o Fascismo, ainda que não abandone completamente as elites conservadoras-liberais e precise delas, se energiza em um autoritarismo declarado. Por fim elabora e implementa suas propostas corporativistas que já estavam presentes nos dois programas anteriores, com a criação de organizações e sindicatos Fascistas por lei. Os deputados começam a ser substituídos por corporações e seus representantes, em um processo que assume formato literal em 1939, quando a Câmara é transformada em Câmara de Fasces e Corporações. Tornando clara a sua autocracia, Mussolini retira a necessidade de responsabilidade do governo em prestar contas ao Parlamento, na prática tornando o rei o único capaz de destituí-lo. Da mesma forma, termina com os partidos de oposição, colocando-os todos em clandestinidade, e com a liberdade de crença, associação, expressão e midiática.

Porém, mesmo com todos esses métodos tipicamente autoritários, Mussolini (Pachukanis, 2020, p. 52) permaneceu insistindo que o Fascismo promovia a verdadeira democracia — chegando ao ponto de empregar o oxímoro “democracia autoritária” (Mussolini, 2006, p. 247). Em um discurso no final de 1926, portanto em um momento em que o autoritarismo já estava institucionalizado, utilizou um *argumentum ad populum* para justificar o porquê do Fascismo não ser autoritário. Diz ele que o fato de as massas apoiarem o Fascismo implicaria que é, na prática, defensor de uma democracia pura, não oligárquica: “Que tirania — exclamou ele — seria essa, em que 1 milhão de pessoas se unem em torno de um partido, em que 3 milhões se unem em outras organizações a ele ligadas e em que 20 milhões aceitam que o Estado os garante e os protege” (Pachukanis, 2020, p. 51-52). Na concepção de Mussolini, por ser um movimento de massas, Fascismo e autoritarismo seriam antíteses⁴.

Ademais, é como se o seu autoritarismo se justificasse não somente pelo apoio maciço, mas também pela necessidade de proteger o ponto central do Fascismo: a nação. O novo estatuto do PNF traz, em 1926, escrito com todas as palavras que o Fascismo é não mais do que uma milícia. Uma milícia de defesa da nação, um grande mecanismo de defesa, portanto, ativo em permanente estado e vontade de guerra (Pachukanis, 2020, p. 50). E que isso explica, inclusive, seu vazio programático e doutrinário, sempre baseados na negação e sem muitas propostas

⁴ Não por coincidência, o mesmo argumento utilizado por Bolsonaro. Uma fala sua para apoiadores após manifestações contrárias: “‘Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição’, frisou o chefe do Planalto, pedindo aos presentes intensificação de estudos sobre a realidade do País. ‘Alguns idiotas não aprendem nunca, mas temos de dar conhecimento às pessoas que não têm ainda’” (Gayer, 2021).

reais, já que o Fascismo é um processo sobre o qual se deve crer, não compreender. É uma religião, sobre a qual Mussolini não poupa o substantivo “fé”.

E para essa fé, dois personagens exercem papel fundamental: o partido e, acima dele, o Messias. O partido assume função disciplinadora, organiza através de regras e hierarquias, mas ele próprio está subordinado ao líder. Como mostra Pachukanis (2020, p. 51), “o juramento que deve prestar qualquer fascista ingressante (artigo 27 do estatuto): ‘Juro cumprir incondicionalmente todas as ordens do líder e servir à causa da revolução fascista com todas as minhas forças e, se necessário, com o meu sangue’”. Em suma, o Fascismo possui uma estrutura hierárquica bem definida. Cabe ao líder e, em menor grau, à cúpula de elite a reflexão, as táticas e o pensamento. Aos demais, cabe apenas a obediência, como exemplifica uma matéria em um dos jornais Fascistas em 1926: “A partir desta noite, deve-se pôr fim na utopia estúpida de acordo com a qual cada um pode pensar com a própria cabeça. A Itália tem uma única cabeça, e o fascismo tem um único cérebro; estes são a cabeça e o cérebro do ‘líder’” (Pachukanis, 2020, p. 51).

Para exemplificar esse estágio de intensificação do autoritarismo, será tomado como ferramenta o discurso de Mussolini na Câmara em 03 de janeiro de 1925, sobre o assassinato de Matteotti. Um discurso que marca uma ruptura, conforme Mussolini (2019, p. 76) assume a responsabilidade moral do acontecido e encerra qualquer maquiagem de normalidade democrática. Representa um ponto de inflexão, porque a partir dele arrefece o clima antifascista da opinião pública e ascende a repressão à oposição. Mussolini consegue, através da retórica, dobrá-lo. Mussolini (2019, p. 77) consegue tornar o próprio Fascismo a vítima, como se a violência fosse uma necessidade infeliz para manter a unidade nacional. A nuvem de palavras abaixo apresenta alguns traços desse discurso:

juízo (Mussolini, 2019, p. 77). Em autoelogio narcísico, exalta suas supostas qualidades de coragem, inteligência e desprezo por valores materiais, para se defender das comparações com a polícia secreta russa. Pois, objetiva, sempre foi a favor de uma “violência cirúrgica e inteligente”, ao passo que a violência russa seria “estúpida” (Mussolini, 2019, p. 77, tradução nossa). Utiliza-se do pressuposto da violência inteligente para questionar as acusações que recebeu sobre o caso Matteotti, apelando à imagem religiosa de Cristo para colocar-se como um suposto conciliador, um grande democrata que — com ironia histórica de tal discurso acontecer pouco antes da guinada autoritária⁵ — defende os direitos da oposição (Mussolini, 2019, p. 77-78). Pois, não sendo um idiota, tal violência explícita opõe-se ao que sempre defendeu.

Em um malabarismo, Mussolini (2019, p. 79-80) assume a figura de mártir. Após defender-se das acusações de envolvimento direto no crime, assume sua responsabilidade como criador do Fascismo. Isto é, ainda que não tenha sido mandante ou tenha envolvimento direto, como Messias cabe a ele, mais uma vez ecoando Cristo, pagar pelo pecado dos outros. Mas, não sendo Cristo, Mussolini aproveita-se dessa retórica para dar uma volta. Admite, sim, o crime do Fascismo. Mas logo após elabora uma narrativa de autodefesa, de que o Fascismo não teria feito mais do que se proteger. Em declarado belicismo, o Fascismo é deslocado à posição de verdadeira vítima. Matteotti não seria mais do que apenas uma das várias consequências dessa guerra invisível, muito mais fatal para os Fascistas:

Mas afinal, senhores, que borboletas procuramos sob o arco de Tito? Pois bem, declaro aqui perante esta assembleia, perante todo o povo italiano, que assumo, só eu, a responsabilidade política, moral, histórica por tudo o que aconteceu. Se frases, mais ou menos mutiladas, bastam para enforcar um homem, então que venha o laço! [...] Se o Fascismo foi uma associação criminosa, se toda a violência resultou de delinquência histórica, política, moral, a responsabilidade por isso é minha, porque eu o criei e o gesticulei com minha propaganda desde o tempo da intervenção até este momento. [...] Esta Secessão Aventina teve consequências, porque agora na Itália os fascistas correm risco de vida! (Mussolini, 2019, p. 79-80, tradução nossa).

Se a situação é de guerra, o uso da força se justifica. A retórica de uma guerra invisível não é, destarte, casual. A figura de um espantalho é pertinente para fundamentar o uso da força, o que o próprio Mussolini (2019, p. 80-81) admite ao dizer que não há outra solução na História quando dois grupos disputam entre si. Semelhante ao que foi feito no Golpe de 1964 no Brasil, uma suposta ameaça de

⁵ Ainda mais ironicamente, pouco depois ataca os que o acusam não só de autoritarismo, mas também de cinismo, chamando-os de “cérebros de grilo” (Dei cervellini di Grillo).

ruptura do outro lado atua como ferramenta para legitimar uma fábula de contragolpe. Pois, então, o autoritarismo se torna um mecanismo de defesa. Baseados em possibilidades, no contrafactual, o autoritário injeta no imaginário a ideia paradoxal de que o autoritarismo é necessário para, ele próprio, impedir o autoritarismo. Como se houvesse, neste sentido, um autoritarismo moralmente mais digno, superior.

Se começa em tom de ameaça velada, ao final a ameaça já é declarada. Alega que o governo é forte o suficiente para superar a crise parlamentar e a retirada dos partidos do Parlamento, que acusa ser anticonstitucional. E que se não for, bem, então “Se eu usasse uma centésima parte da energia que usei para conter os fascistas, para liberá-los. Vocês veriam” (Mussolini, 2019, p. 82, tradução nossa). Para isso, os Fascistas darão paz e tranquilidade à Itália. Por amor, se for possível. Mas por força, se for preciso.

Por fim, cabe pensar no teor deste discurso. Ele não é nacionalisticamente inflamado como outros materiais como o *Discurso de Nápoles* ou a *Doutrina*. Praticamente não há menção à nação. O seu diabo mora nos detalhes. Se os outros apresentam um nacionalismo nítido, neste destaca-se o autoritarismo e a manobra discursiva para legitimá-lo. Neste discurso Mussolini busca disfarçar suas reais intenções, ainda que uma leitura atenta à luz da História revele um evidente cinismo. As tabelas abaixo sintetizam as características encontradas sobre este discurso, em oposição a outros elementos do Fascismo:

Tabela 1 - Características identificadas no *Discurso sobre Matteotti*

<i>Discurso sobre Matteotti</i> Ciclo ditatorial 1924-1932	
<i>Conceito</i>	Característica
<i>Autoritarismo</i>	Pergunta se alguém tem coragem de impedi-lo Argumenta que a violência é um mal necessário Messianismo Narcisismo — exalta as qualidades do líder Exalta o que chama de violência cirúrgica e inteligente Retórica de guerra invisível Na véspera do autoritarismo aberto, afirma-se democrata Guerra invisível como justificativa para uso da força <i>Argumentum ad populum</i>

Fonte: Elaborado pelo autor, baseado no Discurso sobre Matteoti.

Considerações finais

Ainda que limitado pelo escopo de um artigo, a intenção deste trabalho foi propor uma análise e tradução inédita sobre um momento específico do movimento/regime de Mussolini, na tentativa de realçar suas principais características. Como foi ressaltado, em que pese a importância da efeméride, é evidente que se trata de um pequeno recorte frente ao vasto material gerado no vintênio. Justamente por sua longevidade, o Fascismo perpassou distintos ciclos, evoluindo, intensificando e retrocedendo de acordo com o contexto. Em 1925, como sinal dos tempos, se destaca o autoritarismo e as ameaças de ruptura que de fato viriam, logo após.

Com ampla cobertura e discussão historiográfica e teórica, o Fascismo encontra múltiplas correntes interpretativas. Entre elas, aqueles que defendem a Marcha Sobre Roma como o início da ditadura Fascista, e os que entendem que ela, por mais golpista que tenha sido suas intenções, ainda assim obedeceu à lógica institucional do parlamentarismo italiano. Contudo, como se discutiu neste artigo, independente de quando se localiza o autoritarismo do regime Fascista, o fato é que o assassinato de Matteotti serviu como propulsor à intensificação da fragilização democrática italiana. Mussolini, que nunca escondeu sua ojeriza pela democracia liberal, é explícito em seu autoritarismo — e permaneceria sendo, ainda que tente dar um aspecto institucional ao regime, com malabarismos com a ideia paradoxal de democracia autoritária.

Referências

- DORIA, Pedro. *Fasismo à brasileira*— como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo. São Paulo: Planeta, 2020.
- FRESU, Gianni. *Nas trincheiras do Ocidente*: lições sobre Fascismo e antifascismo. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2017.
- GAYER, Eduardo. Bolsonaro diz que oposição vista nas ruas é ‘digna de dó’ e ironiza ‘presidenciáveis aglomerados’. *O Estado de S.Paulo*. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-que-oposicao-vista-nas-ruas-e-digna-de-do-e-ironiza-presidenciaveis-aglomerados,70003838773>. Acesso em: 16 set. 2021.
- MCNAMEE, Michael Sheils. Violet Gibson - The Irish woman who shot Benito Mussolini. *BBC*. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-56111443>. Acesso em: 16 set. 2021.
- MUSSOLINI, Benito. *Mussolini as revealed in is political speeches*. 2020. Disponível em: https://www.gutenberg.org/files/62754/62754-h/62754-h.htm#Page_xxi. Acesso em: 16 set. 2021.

_____. *Me ne frego*. Milano: Prima edizionedigitale, 2019.

_____. *A amante do cardeal*. Cláudia Particella. Tradução de Francisco Oscar Zanotelli. São Paulo: Fontenele Publicações, 2018.

_____. *My autobiography*: with “The political and social doctrine of Fascism”. New York: Dover Publications, 2006.

PACHUKANIS, Evguiéni. *Fascismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.

PAXTON, Robert. *A anatomia do Fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____. The five stages of fascism. *The Journal of Modern History*. Chicago, vol. 70, n. 01, 1998, p. 01-23. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/235001>. Acesso em 06 nov. 2021.

APÊNDICE — Tradução para o português do *Discurso sobre Matteotti*

Proferido no dia 03 de janeiro de 1925. Disponível no livro *Me ne frego!*

Cavalheiros!

O discurso que estou prestes a fazer diante de vocês talvez não possa, estritamente falando, ser classificado como um discurso parlamentar. Pode ser que no final alguns de vocês descubram que este discurso está ligado, mesmo que o tempo tenha passado, ao que pronunciei nesta mesma Câmara em 16 de novembro.

Tal discurso pode levar a algum lugar, mas não pode levar a um voto político. De qualquer forma, deve-se saber que não estou buscando esse voto político. Eu não quero isso: eu já tive muitos. O artigo 47 do Estatuto diz: “A Câmara dos Deputados tem o direito de acusar os ministros do rei e levá-los ao Supremo Tribunal de Justiça”. Pergunto formalmente se nesta Câmara, ou fora desta Câmara, há alguém que queira invocar o artigo 47.º.

A minha intervenção será, portanto, muito clara e de modo a determinar um esclarecimento absoluto. Depois de ter marchado muito tempo com camaradas a quem sempre vai a nossa gratidão pelo que fizeram, é bom parar para pensar se o mesmo caminho, com os mesmos companheiros, poderá ser seguido no futuro.

Sou eu, Senhores Deputados, que estou nessa Câmara apresentando as acusações contra mim. Foi dito que eu fundei uma Cheka. Cadê? Quando? De que maneira? Ninguém é capaz de dizer. A Cheka Russa executou entre 150.000 e 160.000 pessoas sem julgamento, como mostram estatísticas semi-oficiais. A Cheka russa exerceu terror sistematicamente sobre todas as classes médias e sobre os membros individuais dessas classes, uma Cheka que disse ser a espada vermelha da revolução. Mas uma Cheka italiana nunca existiu.

Ninguém jamais negou que eu possua essas três qualidades: uma inteligência discreta, muita coragem e um desprezo absoluto pela atração do dinheiro.

Se eu tivesse fundado uma Cheka, eu o teria feito segundo os critérios que sempre usei para defender um tipo de violência que nunca pode ser eliminada da História. Sempre disse — e quem me acompanhou nestes cinco anos de luta árdua pode agora lembrar-se — que a violência, para ser útil para resolver qualquer coisa, deve ser cirúrgica, inteligente e cavalheiresca. Agora, todas as ações dessa chamada Cheka sempre foram pouco inteligentes, apaixonadas e estúpidas.

Vocês realmente acham que eu poderia ordenar — no dia seguinte ao aniversário do nascimento de Cristo, quando todos os bons espíritos estão no ar — um assalto às dez horas da manhã na Via Francesco Crispi, em Roma, depois do discurso mais conciliador que já fiz durante o meu governo? Por favor, não pensem que eu seria tão idiota assim.

Teria planejado com a mesma falta de inteligência os pequenos assaltos contra Misuri e Forni? Vocês certamente se lembram do meu discurso de 7 de junho. Vamos voltar àquela semana de ardentes paixões políticas em que, neste salão, minoria e maioria se chocavam todos os dias, tanto que algumas pessoas se desesperaram para poder restabelecer aqueles termos de cooperação política e civil necessários entre as partes opostas na Câmara. Discursos violentos voavam de um lado para o outro. Finalmente, em 6 de junho, Delcroix com seu discurso lírico, cheio de vida e paixão, quebrou aquela tensão carregada de tempestade.

No dia seguinte, fiz um discurso que acabou por limpar a atmosfera. Eu disse à oposição: “Reconheço seus direitos ideais, seus direitos contingentes. Você pode superar o Fascismo com sua experiência; você pode colocar sob crítica imediata todas as medidas do governo Fascista”.

Lembro-me, e ainda tenho diante dos olhos, a visão desta parte da Câmara, onde todos estavam atentos, onde todos sentiram que eu havia falado palavras vivas e profundas, e que havia estabelecido as bases para aquela convivência necessária sem a qual não é possível continuar mesmo a existência de qualquer tipo de assembleia política. Como poderia eu, depois de um sucesso — diga-se sem falsa ou ridícula modéstia — depois de um sucesso tão clamoroso que foi admitido por toda a Câmara, inclusive pela oposição, um sucesso pelo qual a Câmara reabriu na quarta-feira seguinte em boa atmosfera, como poderia pensar, sem ser atingido por uma louca extravagância, ordenar, não direi um assassinato, mas mesmo a menor ofensa contra aquele mesmo adversário que eu estimava porque ele tinha uma certa coragem que se assemelhava a minha coragem e uma obstinação que se assemelhava à minha obstinação em sustentar uma tese?

O que eu deveria ter feito? Aqueles que achavam que eu estava apenas fazendo gestos cínicos têm cérebros de grilos. Tais gestos são os últimos a serem tolerados por mim; são repugnantes até as profundezas da minha consciência. E eu me coloco igualmente contra a demonstração de força.

Que força? Contra quem? Para qual propósito? Quando penso nisso, senhores, lembro-me daqueles estrategistas que, durante a Guerra, enquanto comíamos nas trincheiras, faziam estratégias com alfinetes nos mapas. Mas quando se trata de casos concretos, as coisas são vistas sob outro raio e sob outro aspecto. E, no entanto, em ocasiões suficientes, provei minha energia. Não falhei em cumprir as demandas.

Eu liquidei em meio dia a revolta dos Guardas Reais. Em poucos dias, venci uma revolta insidiosa. Em quarenta e oito horas, trouxe uma divisão de infantaria e metade da frota para Corfu. Esses gestos de energia – e o último surpreendeu até mesmo um dos maiores generais de uma nação amiga – são citados aqui para demonstrar que não é energia que me falta. A pena de morte? Mas isso é uma piada, senhores! Em primeiro lugar, a pena de morte teria que ser introduzida no código penal e, em qualquer caso, a pena capital não pode ser a represália de um governo. Deve ser infligido com moderação, julgamento, quando a questão diz respeito à vida de um cidadão. Foi no final daquele mês que está profundamente gravado na minha vida, que eu disse: “Quero a paz para o povo italiano e quero restabelecer a vida política normal”.

Mas qual foi a resposta a esses meus princípios? Em primeiro lugar, a Secessão Aventino – uma secessão anticonstitucional e claramente revolucionária. Em seguida, uma campanha na imprensa que durou ao longo dos meses de junho, julho e agosto. Uma campanha suja e miserável que nos desonrou por três meses. As mentiras mais fantásticas, mais aterrorizantes, mais assustadoras foram amplamente divulgadas na imprensa. Foi realmente um ato de necrofilia.

Investigações de acontecimentos clandestinos também foram feitas; inventaram coisas, sabiam que mentiam, mas mentiram mesmo assim! Sempre fui tranquilo e calmo em meio à tempestade. Essa tempestade será lembrada com um sentimento de vergonha íntima por aqueles que virão depois de nós. Este é o resultado desta campanha! Em 11 de setembro, alguém queria se vingar de um assassinato e atirou em um de nossos melhores homens. Ele morreu pobre – tinha sessenta liras no bolso. Mas continuei meu esforço para normalizar, sem vinganças. Reprimi as ilegalidades.

Afirmo a pura verdade quando digo que mesmo agora em nossas prisões há centenas de Fascistas. É a pura verdade quando recordo a vocês que reabri o Parlamento na data fixada e que a discussão abrangeu, sem falta de regularidade, quase todos os orçamentos. É a pura verdade que esse juramento que vocês conhecem é feito pela milícia e que a nomeação de todos os generais para todos os comandos de zona é conduzida como está.

Por fim, foi apresentada uma questão que suscitou nossas paixões – a questão de aceitar a renúncia do Exmo. Francesco Giunta. A Câmara estava animada. Compreendi o significado daquela revolta; no entanto, depois de 48 horas usei meu prestígio e minha influência. Para uma assembléia tumultuada e relutante eu disse: “Aceite a demissão”, e a demissão foi aceita.

Mas isso não foi suficiente: fiz um último esforço para criar condições normais – o plano de reforma eleitoral. Qual foi a resposta? Uma intensificação da campanha e com a afirmação de que “o Fascismo é uma horda de bárbaros que cercaram na Nação, e um movimento de bandidos e saqueadores”. Agora eles

encenam, senhores, a questão moral! Conhecemos a triste história das questões morais na Itália.

Mas afinal, senhores, que borboletas procuramos sob o arco de Tito? Pois bem, declaro aqui perante esta assembleia, perante todo o povo italiano, que assumo, só eu, a responsabilidade política, moral e histórica por tudo o que aconteceu. Se as sentenças, mais ou menos mutiladas, são suficientes para enforcar um homem, então vamos com o laço! Se o Fascismo foi apenas óleo de rícino ou um clube, e não uma paixão orgulhosa dos melhores jovens italianos, a culpa é minha! Se o Fascismo foi uma associação criminosa, se toda a violência foi fruto de uma determinada delinquência histórica, política, moral, a responsabilidade por isso é minha, porque a criei com a minha propaganda desde o momento da nossa intervenção na Guerra até este momento.

Nestes últimos dias, não apenas os Fascistas, mas muitos cidadãos se perguntam: existe um governo? Esses homens têm dignidade como homens? Têm dignidade também como Governo? Eu queria deliberadamente que as coisas chegassem a esse ponto extremo. Minha experiência de vida nesses seis meses é rica. Eu testei o Partido Fascista. Assim como parasentir a temperatura de certos metais é preciso golpear com um martelo, também o é com alguns homens. Eu vi seus valores, por quais razões, quando o tempo se torna traiçoeiro, os homens mudam de lado. Eu testei isso eu mesmo. E tenha certeza de que eu não teria recorrido a essas medidas se os interesses da Nação não estivessem em jogo. O povo não respeita um governo que se deixa ser desprezado. O povo quer ver sua própria dignidade refletida no governo, e as pessoas, antes mesmo que eu pudesse dizer, disseram, “basta! Estamos cheios!”.

E por que as pessoas estavam cheias? Porque a Secessão Aventina tem um fundo republicano. Esta Secessão Aventina teve consequências, porque agora na Itália quem é Fascista arrisca a vida! Apenas nos meses de novembro e dezembro, onze fascistas foram mortos. Um teve a cabeça esmagada e outro, um idoso de 73 anos, foi morto e arremessado de um muro alto. Três incêndios ocorreram em um mês, três incêndios misteriosos nas ferrovias, um em Roma, outro em Parma e o terceiro em Florença. Surgiu assim um movimento subversivo, o que demonstra a necessidade de documentar algumas manchetes veiculadas nos jornais de ontem e de hoje:

Um chefe de esquadrão dos Squadristigravemente ferido por subversivos.

Uma tentativa de ataque contra a sede Fascista em Tarquinia.

Um homem ferido por subversivos em Verona.

Um soldado da milícia ferido em Cremona.

Fascistas feridos por subversivos em Forlì.

Emboscada comunista em San Giorgio di Pesaro.

Subversivos cantam *Bandierarossa* e atacam Fascistas em Monzambano.

Em apenas três dias durante este janeiro de 1925, e em apenas uma área, ocorreram incidentes em Mestre, Pionca, Valombra; cinquenta subversivos armados com fuzis percorreram o país cantando a *Bandierarossa* e explodindo fogos de artifício; em Veneza o soldado Pascai Mario foi atacado e ferido; em Cavasodi Treviso outro fascista foi ferido; em Crespano, a sede dos Carabinieri foi invadida por cerca de vinte mulheres histéricas, um chefe de um destacamento da milícia foi atacado e jogado na água.

Chamo suas atenções para esses assuntos porque são sintomáticos. O trem expresso nº 192 foi apedrejado por subversivos que quebraram as janelas.

Vocês podem ver por essas situações que a Secessão Aventina teve repercussões profundas por todo o país. Então chega o momento em que dizemos basta! Quando dois elementos estão em conflito e são irreductíveis, a solução é a força. Nunca houve outra solução na história e nunca haverá.

Agora ousou dizer que o problema será resolvido. O Fascismo, o governo e o partido, estão em pleno funcionamento. Cavalheiros, vocês se enganaram! Vocês pensaram que o Fascismo havia acabado porque eu o estava restringindo, que o Partido estava morto porque eu o estava segurando. Se eu usasse um centésimo da energia que usei para conter os Fascistas, para libertá-los... Oh! Vocês veriam, vocês veriam então...

Mas não haverá necessidade disso, porque o governo é forte o suficiente para esmagar definitivamente esta Secessão Aventina.

A Itália, senhores, quer paz, quer tranquilidade, quer trabalho, quer calma; daremos com amor, se possível, ou com força, se necessário. Podem ter a certeza que nas 48 horas que se seguem a este discurso a situação será esclarecida em todos os cantos. Todos sabemos que isso não é uma fantasia pessoal, nem desejo de governo, nem paixão vil, mas apenas amor infinito e poderoso pela Pátria.